



METODOLOGIAS DE ENSINO VOLTADAS À EDUCAÇÃO DA COMUNIDADE SURDA

Adriana Gomes de Lima ¹
Sanduel Oliveira de Andrade ²

RESUMO

A comunidade surda tem ganho espaço nas últimas décadas, fazendo parte das discussões educacionais no intuito de promover a inclusão. Anteriormente, os Surdos não tinham uma política educacional específica, sendo obrigados a adaptar-se forçadamente ao universo dos ouvintes. Muitos sequer tinham a oportunidade de estudar por não conseguirem acompanhar uma metodologia que não os contemplava. Felizmente, novas metodologias foram sendo desenvolvidas para incluir o aluno Surdo no sistema educacional e um grande avanço foi a criação da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e seu estabelecimento como primeira língua (L1) e a Língua Portuguesa como segunda língua (L2). Entretanto, um número considerável de profissionais de educação ainda sente dificuldade ao lecionar para alunos Surdos e transferem, mesmo que de forma indireta, a responsabilidade do ensino e aprendizagem para o tradutor e intérprete de LIBRAS. A falta de comunicação entre Surdos e professores compromete significativamente o processo de aprendizagem. Sendo assim, o referido estudo tem por objetivo elencar as metodologias de ensino eficazes aplicadas à comunidade surda. Diversas metodologias estão sendo estudadas com resultados significativamente positivos. Isso mostra a importância de o docente participar de formações continuadas e cursos de capacitações para um melhor desempenho no processo de ensino e aprendizagem do aluno Surdo.

Palavras-chave: Inclusão, LIBRAS, Educação.

INTRODUÇÃO

A comunidade Surda tem ganho espaço nas discussões educacionais, com métodos e técnicas específicas para este público-alvo, visando a prática da inclusão. Contudo, esse caminho não foi fácil. Em um passado não muito distante, consideravam que os Surdos não seriam capazes de aprender e conquistar seu espaço na sociedade devido à sua limitação física que os tornava fora dos padrões considerados normais, o que os fazia sentir isolados, discriminados e sem comunicação, conforme preconiza Strobel (2008). Também eram poucas as instituições que tinham a missão de educar os Surdos, com destaque para o Instituto dos Surdos-Mudos do Rio de Janeiro, hoje denominado de Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES e o Instituto Santa Teresinha em São Paulo, ambas sob forte influência francesa em seu início.

¹ Professora. Pós-graduada em Mídias Educacionais da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - UERN. E-mail: prof.adrigomesrn@gmail.com;

² Professor. Doutorando do Curso de Engenharia de Processos da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. E-mail: prof.sanduelandrade@gmail.com.



Um grande avanço para a comunidade surda no Brasil surgiu em 2002, onde foi reconhecida como meio legal a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e sua regulamentação em 2005. Com isso, favoreceram as escolas inclusivas com melhores condições de acesso ao conhecimento e a adoção do bilinguismo como metodologia de ensino. A evolução das políticas públicas de inclusão da comunidade surda se deu mediante os movimentos sociais de grupos minoritários que lutaram por seu espaço na sociedade.

No ambiente escolar foi possível fomentar práticas para tornar o aprendizado mais dinâmico e eficaz, adotando metodologias que dialogam intrinsicamente com a contemporaneidade. Entretanto, ainda é um desafio para os docentes superarem os desafios da comunicação e muitos ainda não se sentem preparados para trabalhar com esses alunos, os instigando a repensarem suas práticas pedagógicas, visto que, estamos inseridos em uma sociedade multicultural. Sendo assim, este artigo teve por finalidade destacar as práticas de ensino adotadas nas comunidades escolares voltadas para o alunado Surdo.

METODOLOGIA

A presente pesquisa foi desenvolvida no período de setembro a novembro de 2020 e consistiu em uma revisão sistemática, utilizando como fonte de dados a literatura científica sobre determinado tema (SAMPAIO; MANCINI, 2007). Para este levantamento, atentou-se para o uso de artigos científicos publicados em periódicos nacionais e internacionais, presentes nas bases de dados indexadas ao portal Periódicos da CAPES e no Google Acadêmico, bem como monografias, teses, dissertações de instituições de renome e legislações pertinentes ao tema. Como critérios de seleção, foram adotadas bases literárias que apresentavam especificidades com o tema e a problemática em questão. Foram utilizados artigos com menos de dez anos de publicação, salvo casos específicos, como contexto histórico e evolução do ensino para Surdos ao longo do tempo. Foram excluídos os artigos que não continham relação com os objetivos avaliados, bem como, publicação que não dispuseram seu conteúdo na íntegra. A pesquisa mediante consulta bibliográfica possibilita ao pesquisador o acesso a um arcabouço maior de informações sobre o tema, sem prejuízo a outras metodologias, como os estudos de caso (BARROS; ALVES, 2019).



ASPECTOS METODOLÓGICOS APLICADOS À EDUCAÇÃO DA COMUNIDADE SURDA

As metodologias de ensino voltadas para a comunidade surda têm sofrido diversas transformações ao longo do tempo. A Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, chamada por alguns autores como Lei da LIBRAS (MONTEIRO, 2006; FERREIRA et al., 2014), reconheceu a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS como “sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria” (BRASIL, 2002), onde propiciou sua adoção como primeira língua e a língua portuguesa como segunda língua, fomentando o bilinguismo (SKLIAR; QUADROS, 2004). O Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005 tornou a Libras disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério (BRASIL, 2005). Vale destacar ainda que a LIBRAS não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa, conforme preconiza a legislação supracitada.

Para Strobel (2008), o Surdo tem sua visão de mundo específica, adequando-o às suas percepções visuais, criando seu próprio *ethos*, em outras palavras, sua própria identidade e cultura, bem como, seu próprio idioma.

Conforme Skliar e Quadros (2004), existem três perspectivas de leitura do modelo bilíngue aplicada a educação da comunidade surda, que são: leitura metodológica; leitura linguística e leitura psicolinguística. A leitura metodológica substitui a Comunicação Total em oposição à Oralismo. Contudo, as leituras linguística e psicolinguística atentam para o processo de formação da linguagem e suas relações lexicais, semânticas e sintáticas.

Por vários anos, a comunidade surda foi obrigada a adotar o oralismo, se submetendo a uma espécie de “reabilitação” para conseguir obter algum resíduo auditivo e desenvolver a fala. Sendo assim, o sistema educacional por muito tempo tentou transformar o Surdo em ouvinte, provocando traumas e frustrações nestes. Houve um momento na história, no final do século XIX em que a linguagem de sinais foi proibida nos ambientes escolares para fomentar a prática do Oralismo (STREIECHEN et al., 2017). Esta metodologia perdurou por cerca de 100 anos. Mesmo assim, uma parcela considerável da comunidade surda continuava a usar a linguagem de sinais para se comunicar fora dos ambientes formais. Lebedeff (2005) destacou que grande parte do alunado Surdo nas décadas de 1970 e 1980 apenas transcreviam em seu caderno textos e frases. Porém não havia assimilação adequada nem construção de novos conhecimentos.

Com o insucesso do Oralismo, em meados de 1970, foi trabalhado um método conhecido como Comunicação Total, trazendo elementos do Oralismo aliados a linguagem de



sinais, como técnicas de leitura labial e gestual, em uma filosofia bimodal (ZANONI; SANTOS, 2014). Streiechen et al. (2017) ressaltam que este método não foi eficiente, comprometendo o processo de ensino e aprendizagem do aluno Surdo que dividia sua atenção para as mãos ou para os lábios do seu interlocutor.

Já o Bilinguismo difere do Oralismo e da Comunicação Total pelo fato de considerar o aspecto visogestual relevante para a construção da comunicação entre Surdos e defende que cada língua possua suas características próprias e não torna a língua de sinais uma mera imitação gestual da língua portuguesa. A abordagem bilíngue ocorre adotando a Língua Brasileira de Sinais como primeira língua, simbolizada por L1 e a língua portuguesa na modalidade escrita como segunda língua, descrita como L2. Contudo, Barros e Alves, (2019) afirmam que ainda nem todos os estudantes Surdos têm acesso a LIBRAS desde seu estágio inicial de desenvolvimento, podendo assim, prejudicar o processo. Portanto, espera-se que, com as novas políticas públicas voltadas para a inclusão da comunidade surda, este problema esteja sanado em alguns anos.

Streiechen et al. (2017) salientam que o profissional para atuar na metodologia *bilíngue* deve ser ouvinte em virtude de dominar a escrita da Língua Portuguesa e a Língua Brasileira de Sinais, sendo proficiente em ambas. Geralmente, o aluno Surdo tem dificuldades em dominar a Língua Portuguesa, visto que, para este público é visto como segunda língua, e um profissional com fluência em ambas teria um melhor aproveitamento no processo de ensino e aprendizagem.

Em contrapartida, a metodologia da Pedagogia Surda salienta a importância de um professor Surdo na instituição de ensino e que o aluno seja educado em LIBRAS desde a educação infantil. Vale destacar que a Pedagogia Surda não isenta o aluno de aprender a modalidade escrita da Língua Portuguesa para comunicação com os ouvintes e não se tornar dependente do intérprete de Libras (STREIECHEN et al., 2017).

RELATOS DE EXPERIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO DOS SURDOS

Cárnio et al. (2010) avaliaram as estratégias de aprendizagem fazendo uso da compreensão da leitura no contexto do indivíduo Surdo. No primeiro momento, os autores realizavam uma leitura compartilhada de um determinado livro de literatura clássica coerente com a faixa etária do Surdo. Os textos foram selecionados conforme o grau de complexidade, seguindo uma ordem crescente. Em seguida houve a transcrição em LIBRAS das referidas histórias e por fim, a construção de um esquema, fazendo uso de uma técnica conhecida como



scaffolding a partir das experiências observadas. Wood et al. (1976) destacam que a técnica do *scaffolding* possui seis funções-chaves, que são: recrutamento, redução, manutenção, marcação, controle e demonstração. Cárnio et al. (2010) concluíram que a técnica promoveu o desenvolvimento da consciência metalinguística dos Surdos no processo de compreensão de leitura textual.

Castro e Calixto (2016) replicaram a metodologia de Quadros e Schmiedt (2006) que utilizavam as Tecnologias da Informação e Comunicação para ensino da Língua Portuguesa como L2 para alunos Surdos. Foi utilizado um jogo de memórias e palavras-cruzadas em um software computacional, com associações entre sinal x gravura, sinal x palavra, alfabeto manual x palavra e gravura x palavra. Para Goettert (2014), as TICs desempenham um papel de destaque no ensino da língua portuguesa escrita para alunos Surdos em virtude de dispor de diversos recursos que aproximam o contato com a escrita da LP e a LIBRAS, promovendo novas formas de interação. As atividades replicadas por Castro e Calixto (2016) proporcionaram uma elevação significativa no vocabulário da língua portuguesa e da LIBRAS. Contudo, alguns elementos do software utilizado foram considerados inadequados pelos autores, como o recurso datilológico por apresentar a simples reprodução escrita em caracteres do alfabeto em LIBRAS.

Sousa (2014) avaliou o papel da LIBRAS nas práticas de ensino da Língua Inglesa no processo de ensino e aprendizagem para alunos Surdos. A pesquisa ocorreu em contextos de salas de aula específicas de Surdos. A autora obteve resultados satisfatórios ao fazer uso da LIBRAS como principal mediadora no ensino da Língua Inglesa, em especial, adotando a abordagem do Ensino Comunicativo de Línguas – ECL. Sousa (2014) reforça que o ECL vê a aprendizagem como um processo de construção criativa que envolve tentativa e erro, sendo instigados a tirarem efeitos positivos das falhas no processo de ensino e aprendizagem.

Alguns educadores fazem uso das tecnologias digitais no processo de ensino e aprendizagem. O *Hand Talk* é um aplicativo disponível para sistema Android e iOS capaz de decodificar conteúdos em português para a LIBRAS e tem por função a inclusão social de pessoas surdas, bem como, ser uma ferramenta para aprendizado e/ou aperfeiçoamento da Libras para ouvintes. O aplicativo conta com um assistente virtual chamado Hugo, que responde a comandos de voz do usuário e traduzindo para a LIBRAS. O software apresenta boa funcionalidade e interface intuitiva. O usuário pode criar uma conta específica ou fazer login a partir de um E-mail, uma conta do Google ou do Facebook. Além de um comando de voz, o sistema conta com um dicionário com os principais termos divididos por tema (sentimentos,



membros da família, Estados e regiões, frutas, animais, etc.) e 41 videoaulas em LIBRAS abordando temas como: Sinais de lugares públicos; de política; de turismo; de higiene, dentre outros. Autores como Preetham et al. (2013) e Paschuini (2015) destacam a importância deste software no processo de inclusão da pessoa surda, em especial, no ambiente escolar e acadêmico.

Outro aplicativo importante para o ensino da comunidade Surda é o VLIBRAS que consiste no conjunto de ferramentas computacionais de código aberto que traduzem textos, áudios ou vídeos para a LIBRAS, tornando computadores, celulares e plataformas Web acessíveis para pessoas surdas. Oliveira et al. (2020) destacam que o aplicativo possui boas funcionalidades. Entretanto, necessita de alguns aprimoramentos, pois algumas palavras não correspondiam aos sinais mostrados e questões regionais são incipientes. Reis et al. (2017) também observaram que alguns usuários tiveram dificuldades ao utilizar algumas funções que continham descrição textual em português. Apesar das dificuldades expostas, os usuários se sentiram confiantes ao utilizar o aplicativo e recomendariam seu uso a outros indivíduos Surdos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os Surdos possuem grandes potencialidades nas mais diversas áreas. Para um melhor processo de ensino e aprendizagem, o aluno Surdo deve ser instruído por profissionais devidamente habilitados e alfabetizado sob uma perspectiva bilíngue o mais cedo possível, tendo a LIBRAS como língua vernácula e a Língua Portuguesa como segundo idioma. Contudo, vale destacar que a LIBRAS não substitui a Língua Portuguesa. É necessário que o aluno tenha fluência das duas, pois necessitará fazer uso da Língua Portuguesa na forma escrita. Em uma escola bilíngue, a utilização de duas línguas tem promovido maior desenvolvimento do aluno Surdo.

REFERÊNCIAS

BARROS, H. A.; ALVES, F. R. V. As principais abordagens de ensino para o Surdo: e a valorização da cultura dos Surdos. **Research, Society and Development**, v. 8, n. 8, p. 10, 2019.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 01 ago. 2020.



BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.** Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm>. Acesso em: 28 jul. 2020.

CARNIO, M. S.; CSIPAI, E. S.; COUTO, M. I. V. Relação entre níveis de compreensão e estratégias de leitura utilizadas por Surdos sinalizadores em um programa terapêutico. **Rev. soc. bras. fonoaudiol.**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 206-212, 2010.

CASTRO, F. G. A S.; CALIXTO, H. R. S. Português para Surdos e as tecnologias digitais. **Journal of Research in Special Educational Needs**, v. 16, p. 870-875, 2016.

FERREIRA, W. M.; NASCIMENTO, S. P. F.; PITANGA, Â. F. Dez anos da lei da LIBRAS: um conspecto dos estudos publicados nos últimos 10 anos nos anais das Reuniões da Sociedade Brasileira de Química. **Química Nova na Escola**, v. 36, n. 3, p. 185-193, 2014.

GOETTERT, N. **Tecnologias digitais e estratégias comunicacionais de Surdos:** da vitalidade da língua de sinais à necessidade da língua escrita. 2014. 104 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2014.

LEBEDEFF, T. B. O que lembram os Surdos de sua escola: Discussão das marcas criadas pelo processo de escolarização. In: Thoma A. S.; LOPES, M. C. (Eds). **A invenção da surdez II: Espaços e tempos de aprendizagem na educação de Surdo** (pp.47-62). Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

MONTEIRO, M. S. História dos movimentos dos Surdos e o reconhecimento da LIBRAS no Brasil. **ETD-Educação Temática Digital**, v. 7, n. 2, p. 292-305, 2006.

OLIVEIRA, I. F.; SOUSA, J. L. T.; CARVALHO, L. C.; BRITO, M. D. O.; FREIRE, K. M. A.; DAMASCENO, A. C. S. A Utilização do Aplicativo VLIBRAS Como Forma de Ensino e Aprendizagem para Alunos Surdos. **Revista Psicologia & Saberes**, v. 9, n. 16, p. 22-30, 2020.

PAGLIARO, Claudia M.; KRITZER, Karen L. The math gap: A description of the mathematics performance of preschool-aged deaf/hard-of-hearing children. **Journal of deaf studies and deaf education**, v. 18, n. 2, p. 139-160, 2013.

PASCHUINI, E. A. **A infoinclusão de alunos Surdos na educação de jovens e adultos utilizando o aplicativo Hand Talk em sala de aula.** Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2015.

PREETHAM, C.; RAMAKRISHNAN, G.; KUMAR, S.; TAMSE, A.; KRISHNAPURA, N. Hand talk-implementation of a gesture recognizing glove. In: **2013 Texas Instruments India Educators' Conference**. IEEE, 2013. p. 328-331.

REIS, L. S.; ARAÚJO, T. M. U.; LIMA, M. D. F. C.; SALES, A. S. S.; AGUIAR, Y. P. C. Avaliação de Usabilidade do Aplicativo VLibras-Móvel com Usuários Surdos. In: **Anais Estendidos do XXIII Simpósio Brasileiro de Sistemas Multimídia e Web**. SBC, 2017. p. 123-126.

SAMPAIO, R. F.; MANCINI, M. C. Systematic review studies: a guide for careful synthesis of the scientific evidence. **Brazilian Journal of Physical Therapy**, v. 11, n. 1, p. 83-89, 2007.

SKLIAR, C.; QUADROS, R. M. Bilingual deaf education in the south of Brazil. **International Journal of Bilingual Education and Bilingualism**, v. 7, n. 5, p. 368-380, 2004.



SOUSA, A. N. Reflexões sobre as práticas de ensino de uma professora de inglês para Surdos: a língua de sinais brasileira como mediadora do processo de ensino-aprendizagem. **Revista brasileira de linguística aplicada**, v. 14, n. 4, p. 1015-1044, 2014.

STREIECHEN, E. M.; KRAUSE-LEMKE, C.; OLIVEIRA, J. P.; CARVALHO CRUZ, G. Pedagogia surda e bilinguismo: pontos e contrapontos na perspectiva de uma educação inclusiva. **Acta Scientiarum. Education**, v. 39, n. 1, p. 91-101, 2017.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

WOOD, D.; BRUNER, J. S.; ROSS, G. The role of tutoring in problem solving. **Journal of child psychology and psychiatry**, v. 17, n. 2, p. 89-100, 1976.

ZANONI, I.; SANTOS, E. I. Os Reflexos da Comunicação Total na Atual Interação e Comunicação entre Indivíduos Surdos e Ouvintes. In. **XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Foz do Iguaçu – PR, 2014